

GUSTAVO DE CASTRO:

em busca do poema-
reportagem

GUSTAVO DE CASTRO: in search of
poetry-reporting

GUSTAVO DE CASTRO: en busca
del poema-reportaje

Ben-Hur Demeneck^{1, 2}

RESUMO

Gustavo de Castro dedica sua trajetória acadêmica a incorporar a poesia na Comunicação e no Jornalismo. Professor de Estética na UnB (Universidade de Brasília), é autor de mais de uma dezena de livros; parte deles como poeta, parte como acadêmico, trabalhos que aproximam o Jornalismo da literatura. Em 2002, organizou com Alex Galeno *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*, mas foi com *Jornalismo Literário: uma introdução* (2010) e *O enigma Orídes* (2015) que pensou e praticou o Jornalismo Literário propriamente dito. A contribuição de Gustavo de Castro ao Jornalismo Literário pode ser reconhecida por seu projeto de considerar a poesia como possibilidade de apuro (e mesmo extrapolação) da técnica narrativa aplicada ao Jornalismo e, em segundo lugar, como ética comunicacional, a partir de sua vocação em educar o olhar e os afetos.

¹ Ben-Hur Demeneck é doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), mestre em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e graduado em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG | Ponta Grossa, PR). Atua como professor-colaborador do Departamento de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), foi professor da Especialização em Jornalismo Literário da ABJL (Associação Brasileira de Jornalismo Literário). Integra o grupo de pesquisa *Jornalismo, Direito e Liberdade* (IEA/USP) e *Lógicas de Produção e Consumo no Jornalismo* (UEPG). Contato: b.demeneck@uol.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8201-469X>.

² Endereço de contato do autor (por correio): UEPG (Universidade Estadual de Ponta Grossa) – Departamento de Jornalismo — Praça Santos Andrade – Centro – 84010-790 – Ponta Grossa, PR – Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Gustavo de Castro; Jornalismo Literário; Poesia.

ABSTRACT

Gustavo de Castro dedicates his academic trajectory to incorporate poetry in Communication and Journalism studies. Professor of Aesthetics at UnB (University of Brasília), author of more than a dozen books; part of them as a poet, part as an academic that brings journalism closer to literature. In 2002, he organized with *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra* with Alex Galeno, but it was with *Jornalismo Literário: uma introdução* (2010) and *O enigma Orides* (2015) that thought and practiced Literary Journalism itself. The contribution of Gustavo de Castro to Literary Journalism can be recognized by his project of considering poetry as a possibility of apprehending (and even extrapolating) the narrative technique applied to journalism and, secondly, as a communicational ethic, based on his vocation in educating the look and the affections.

KEYWORDS: Gustavo de Castro; Literary Journalism; Poetry.

RESUMEN

Gustavo de Castro dedica su trayectoria académica a incorporar la poesía en la Comunicación y el Periodismo. Profesor de Estética en la UnB (Universidad de Brasilia), es autor de más de una docena de libros; parte de ellos como poeta, parte como académico que acerca al periodismo de la literatura. En 2002, organizó con Alex Galeno *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*, pero fue con *Jornalismo Literário: uma introdução* (2010) y *O enigma Orides* (2015) que pensó y practicó el periodismo literario propiamente dicho. La contribución de Gustavo de Castro al Periodismo Literario puede ser reconocida por su proyecto de considerar la poesía como posibilidad de apuro (e incluso extrapolación) de la técnica narrativa aplicada al periodismo y, en segundo lugar, como ética comunicacional, a partir de su vocación en educar la mirada y los afectos.



revista
Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 6, Outubro-Dezembro. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2018v4n6p216>

PALABRAS CLAVE: Gustavo de Castro; Periodismo Literario; Poesía.

Recebido em: 15.05.2018. Aceito em: 22.07.2018. Publicado em: 08.10.2018.

"Não há piedade nos signos
E nem no amor: o ser
É excessivamente lúcido
E a palavra é densa e nos fere

(Toda palavra é crueldade)"

Trecho do poema "Fala",
de Orides Fontela

Introdução

"Toda a minha trajetória acadêmica busca pensar a Comunicação pela poesia", avalia Gustavo de Castro em conversa feita por telefone para produção deste perfil³. Pesquisador de "jornalismo e literatura", é jornalista de formação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e pós-doutor pela Universidade de Brasília (UnB) e em Estudos Ibéricos e Latino-americanos pela Université Sorbonne - Paris IV.

Da graduação em 1990 às titulações de 2012 e 2015, publicaria *Jornalismo Literário*: uma introdução (2010) e o livro-reportagem *O enigma Orides* (2015). Antes, em 2002, havia organizado com Alex Galeno⁴ *Jornalismo e Literatura*: a sedução da palavra. Nos anos seguintes, publica – como editor ou autor – livros acadêmicos, de poesia e contos.

No dicionário filosófico de Nicolas Abbagnano, a poesia é apresentada como expressão linguística que tem como condição essencial o ritmo,

³ GUSTAVO DE CASTRO. Contato feito especialmente para produção deste perfil para a revista *Observatório*. Entrevista via telefone concedida a Ben-Hur Demeneck. Abril de 2018.

⁴ Alex Galeno (ou Alessandro Galeno Araújo Dantas) é professor associado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Ligado à literatura, defendeu em 2002 a tese "Antonin Artaud: Revolta de um Anjo Terrível" no doutorado em Ciências Sociais pela PUC/SP, sob orientação de Edgard de Assis Carvalho. O estudo sobre o escritor dramaturgo francês foi publicado em livro pela editora Sulina, de Porto Alegre, em 2005.

conhecida na tradição filosófica segundo três vertentes de interpretação: a poesia como estímulo ou participação emotiva, a poesia como verdade e a poesia como modo privilegiado de expressão linguística (ABBAGNANO, 2000, p. 766-771).

Friedrich Schiller (1759-1805), expoente do Romantismo alemão e do Classicismo de Weimar, chega ao ponto de comparar o natural ao poético - "o que chamamos de natureza é um poema, fechado em caracteres misteriosos e admiráveis". Se tal enigma pudesse ser desvendado, "reconheceríamos nele a odisseia do Espírito, que, por maravilhosa ilusão, buscando-se, foge de si mesmo" [System des transzendentalen Idealismus, 1800, VI] (ABBAGNANO, p. 769).

Para Martin Heidegger (1889-1976), autor de "Ser e Tempo", "a linguagem primitiva de um povo, e a essência da linguagem deve ser compreendida a partir da essência da poesia" (idem, [*Holderlin und das Wesen der Dichtung*, 1936]). Já para o poeta curitibano Paulo Leminski (1944-1989), "a poesia é um inutensílio". Segundo ele, "a única razão de ser da poesia é que ela faz parte daquelas coisas inúteis da vida que não precisam de justificativa porque elas são a própria razão de ser da vida" (LEMINSKI, 2011).

Embora o número de definições de poesia equivalha ao número de poetas, neste perfil interessa a poesia como ferramenta para uso técnico e criativo da linguagem, e como uma escotilha que se abre para questionamentos de ordem filosófica mediante o ato de escrita.

Poesia e jornalismo literário são saberes com muito a dialogar, se pararmos e pensar no que há de poético em tornar personagem um jornal impresso, como faz Gay Talese em *O reino e o poder* com o *New York Times*. Ou o que se há de sutil a perceber quando um repórter como Marcos Faerman

reconstituiu a seca no sertão brasileiro pela fala dos populares que olhavam para as nuvens e criavam teorias.

A trajetória acadêmica de Gustavo de Castro busca conciliar jornalismo e literatura. Para ele, não apenas a poesia, mas o texto literário de forma geral, “permite diversos níveis de relação no interior do próprio texto, produzindo meta-narrações, explorando diversas camadas de significação, criando efeitos de realidade” (p. 80). E como uma das características centrais do texto jornalístico é “provocar efeitos de realidade”, a literatura expande a expressão do jornalismo. Para começo de conversa.

Outubro de 2015, Brasília-DF

Sentado atrás de uma bancada, Gustavo de Castro palestra em um auditório da Universidade Católica de Brasília (UCB), onde fala sobre o transe em religiões de matriz africana – a pombagira^{5,6}. Doutor sem paletó, Gustavo veste camisa azul clara de mangas compridas. No lugar de uma gravata, cinge seu pescoço um colar artesanal feito com peças escuras e conchas brancas. Ele consulta anotações, olhando através de óculos de aros finos e lentes pequenas e circulares. Cada dedo indicador das mãos usa anel, o brilho metálico e mineral de um dos adereços se opõe à presença fosca e vegetal do outro. À mão direita segura o microfone.

⁵ Atividade relacionada ao projeto coordenado pela Profa. Dra. Florence Dravet - "O Feminino da Tradição Afrobrasileira à Cultura Brasileira – Estudo da Figura da Pombagira, suas Imagens e Imaginários Midiáticos" (MCTI/CNPq/MEC/CAPES Nº 43/2013).

⁶ Conforme informa Reginaldo Prandi no livro *Herdeiras do Axé* (1996), a “Pombagira é considerada um Exu feminino”. Por sua vez, “Exu, na tradição dos candomblés de origem predominantemente iorubá (ritos Ketu, Efan, Nagô pernambucano), é o orixá mensageiro entre os homens e o mundo de todos os orixás”. Baseado em artigo de Monique Augras (presente no livro *Meu sinal está no teu corpo*, 1989), Prandi observa que “na língua ritual dos candomblés angola (de tradição banto), o nome de Exu é Bongbogirá”. Logo, Pombagira é uma corruptela de “Bongbogirá” (p. 139-164).

A conferência segue o protocolo sem o convidado ficar em pé. Magro, com 1,77 metro de altura, de bigode ralo e mechas onduladas de cabelo. Fala fluente, manso e contínuo como um braço de água do Cerrado antes de virar cachoeira. Para abordar a pombagira, ela atravessa mares e encontra o filósofo alemão Peter Sloterdijk, o escritor francês Georges Bataille e a bailarina italiana Maria Baderna. A apresentação ora considera a dimensão filosófica, ora estética, ora cultural de uma manifestação místico-religiosa. Para quem estuda e pratica poesia, vale como conhecimento a disritmia.

Vice-versa: Do “Jornalismo e Literatura” ao “Jornalismo Literário”

Em 2002, Gustavo de Castro e Alex Galeno publicam um livro sobre as relações entre jornalismo e literatura. Publicam textos de autores como José Marques de Melo, Marcelo Coelho, Deonísio Silva, Moacyr Scliar (1937-2011) e Daniel Piza (1970-2011), que destacam “simbioses, diferenças, insídias, limites e propósitos possíveis” entre aqueles dois saberes.

O livro destacou a relação entre essas duas formas de conhecimento e de expressão, tal como haviam publicado outros pesquisadores de gerações anteriores; caso de Antonio Olinto com *Jornalismo e literatura* (1955) e Edvaldo Pereira Lima com *Páginas Ampliadas* (1993, 2009).

Coincidências à parte, também em 2002 aumentaria a visibilidade ao Jornalismo Literário no Brasil a partir da criação do selo “Jornalismo Literário” no catálogo da maior editora brasileira, a Companhia das Letras. Iniciando com *Hiroshima* [1946], de John Hersey (1914-1993), o projeto recolocava em destaque a obra de autores como Truman Capote (1924-1984), Tom Wolfe (1930-2018), Gay Talese (1932-), Joel Silveira (1918-2007) e Antonio Callado (1917-1997).

Em 2004, Gustavo de Castro escreve uma apostila para auxiliar alunos de Jornalismo Literário, que eram muitos apesar de a disciplina ser optativa na Universidade de Brasília. Seis anos depois, com revisões e ampliações, o conteúdo virou o livro *Jornalismo Literário: uma introdução* (Casa das Musas, 2010). Em menos de 100 páginas, relações entre jornalismo e literatura se estreitam para pensar o híbrido e plural Jornalismo Literário.

Chama a atenção a leitura ampliada da história do Jornalismo Literário feita por Castro, que funde Jornalismo e Literatura a partir do “contar”. Pesquisadores do campo reconhecem tais contribuições, referenciando a obra em sua produção científica. A exemplo de resenha publicada por Célia Ladeira Mota publicada no volume seis da *Brazilian Journalism Research* e de artigo de Monica Martinez presente no volume 40 da *Revista Intercom*. “Segundo Castro, ‘passar notícias de forma literária remonta aos egípcios’”, menciona Martinez, destacando a ligação milenar entre documentar e fabular (2017, p. 26).

“Contar uma história não é privilégio do Jornalismo Literário”, sintetiza o autor. Para Castro, aquilo que move o jornalismo literário já havia no ofício dos escribas menores do Antigo Egito, em seus papiros e pedras. Igualmente estava na Roma Antiga, pela ação de figuras como a do poeta Marco Valério Marziale (40 d. C - 104 d. C.), a explorar o lírico enquanto reportava eventos. Após a invenção da imprensa de tipos móveis, circularam publicações mesclando fatos com narrativas, como com o *Journal de Savant* [1665].

Adiante, no século XIX, luminares da cultura universal – tais como o francês Honoré de Balzac (1799-1850), o inglês Charles Dickens (1812-1870), o norte-americano Mark Twain (1835-1910) e o russo Fiódor Dostoiévski (1821-1881) – publicaram uma literatura marcada pela crítica social, que pode ser reconhecida como Realismo Crítico. Numa época em que o jornalismo costumava ser mais opinativo do que informativo, a literatura ensinava a

caminhar pelas ruas e a trazer temas e dilemas. Verdadeiros escritores-repórteres davam visibilidade a gente de “carne e osso”.

Afora os antecedentes históricos do jornalismo literário, sem esquecer de Euclides da Cunha (1866-1909), João do Rio (pseudônimo de Paulo Barreto, 1881-1921) e do *New Journalism* estadunidense, Gustavo de Castro contrapõe conceitualmente valores-notícia. Ele os compara aos “valores-narração” contrastando atualidade com *temporalidade flexível*; objetividade com *subjetividade e apelo emocional*; importância e relevância com o que é *interessante e incomum*; factualidade com o *excepcional e sensacional*; fatos reais com *metáforas* (CASTRO, 2010, p. 27).

De Natal à Capital Federal

Gustavo de Castro tinha uns doze anos quando um colega lhe mostrou um livro de Fernando Pessoa, lá pelos idos de 1980. Nunca mais foi o mesmo. Cumprindo a condição rebelde dos adolescentes, ignorava o peso do cânone literário. Foi tão-somente pelo pensamento e lirismo de Alberto Caieiro (e demais heterônimos) que se rendeu à beleza feita por escrito. Chegou a mudar de rotina. Quando se deu conta, incorporara o hábito de escrever diários porque as palavras não cabiam para serem vistas e interpretadas. Elas precisavam retornar ao papel.

Entrou em 1987 na faculdade de Comunicação da UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte) porque queria se desinibir. O jornalismo carregava consigo um sentido mágico de aprender a se comunicar socialmente. À medida que frequentava as aulas, tomava gosto pela comunicação de massa. No segundo semestre do curso, passou a estagiar dentro de uma redação profissional. Enquanto cumpriu sua temporada de graduando na UFRN e de estagiário no impresso *Dois Pontos*, o Brasil promulgou a “Constituição Cidadã”

e a população voltou a votar para presidente. Os anos 1980 desmoronaram tal qual o Muro de Berlim.

Formado jornalista, Gustavo ficaria de 1991 a 1993 num convento franciscano, na mesma “província” (termo usado para organizar os grupos religiosos) que outrora abrigara em Guaramiranga o ex-noviço mais famoso do Ceará – Belchior (1946-2017)⁷. Diferentemente do autor de clássicos do cancionero popular, como *A Palo Seco*, *Apenas um rapaz latino-americano* e *Como nossos pais*, Gustavo não cultivava futuras canções entre as *Laudes* e as *Vésperas*. Fora convocado a assumir o cargo de *publisher* dos capuchinhos. Ou seja, iria tocar um impresso. Eram tempos de reflexão e de prazos apropriados à vida bucólica – tinha mais de dois meses para escrever um texto.

Daqueles anos, ficou-lhe o apreço pelos estudos em Filosofia, Teologia e idiomas. Se a vocação parecia chamar para longe do claustro, o conservadorismo do papa João Paulo II em nada lhe inspirava. Karol Wojtyła (1920-2005) não poupava aqueles que pregavam a justiça social como horizonte político, a exemplo de membros da Teologia da Libertação, sendo comuns transferências de padres críticos para regiões longínquas. Para um jornalista diplomado, era particularmente tenso perceber que a Guerra Fria invadia conventos e capelas.

⁷ O compositor e músico Antônio Carlos Belchior - mais conhecido simplesmente como Belchior (1946-2017) - nasceu em Sobral (Ceará) e passou parte da adolescência em mosteiro de capuchinhos em Guaramiranga (CE), saindo antes de se ordenar. Sua criatividade e capacidade de memorização eram notáveis. Era comum citar longos trechos de *Os Lusíadas*, de Camões, ou parodiar causos religiosos de São Francisco (*Fioretti*) recolocando seus próprios colegas no lugar dos personagens originais, conforme escreve o jornalista Jotabê Medeiros em *Belchior* (Todavia, 2017). “De Guaramiranga, além da bagagem reforçada de filosofia, teologia, latim e cantos gregorianos, Belchior trouxe aquela característica que chamou a atenção de Fausto e que o acompanharia vida afora: o jeito pausado de falar, com uma entonação falsamente ordinária, sem picos nem falhas” (MEDEIROS, 2017, p.29). Atuando entre 1965-2009, o segundo álbum de Belchior, *Alucinação* (Polygram, 1976), consolidou sua carreira com composições como “Como Nosso País”, depois regravada por Elis Regina. É considerado por vários críticos um dos principais compositores da segunda metade do século XX no Brasil.

Nunca se saberá se o mundo perdia uma promessa de poeta místico, como São João da Cruz⁸. O fato é que as buscas terrenas de Gustavo desembocaram num mestrado em Educação na UFRN, em 1997, e num doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em 2002, este sob orientação de Edgard de Assis Carvalho.

Professor universitário desde 1996, Gustavo deu aulas por quatro anos em Natal, no Rio Grande do Norte. Após receber o título de doutor, decidiu se mudar para o Distrito Federal e ficar perto do filho pequeno. Lecionou por três anos em universidades privadas até começar a trabalhar na Universidade de Brasília (UnB). Ao completar dez anos de docência, vinculou-se de vez à essa instituição quando passou em concurso de professor adjunto.

Do pesadelo ao romance-reportagem

Em *O enigma Orides* (2015), Gustavo de Castro cumpre seu primeiro livro como repórter literário em 240 páginas de narrativas, documentos e 22 poesias inéditas da poeta paulista Orides Fontela (1940-1998). Observação: Orides odiava que a chamassem de poetisa.

“Seu vagabundo, encontre logo meus poemas perdidos”, Orides desafiou Gustavo enquanto ele rondava os domínios de Morfeu. A poeta viera do além-túmulo para, aos gritos, passar uma missão ao jovem pesquisador residente (e dormente) em Brasília. Ele que fosse para São Paulo, onde ela havia morado dos anos 1960 em diante. Que Gustavo também seguisse para para São João da Boa

⁸ O frade carmelita San Juan de la Cruz (1542-1591) é considerado um maiores autores de língua espanhola por poetas de diferentes matizes, como Rubén Darío, Juan Ramón Jiménez, Paul Valéry e T. S. Eliot, conforme assinalam textos de introdução de reedições de sua obra - a exemplo do e-book comercializado pela Amazon, lançado pela Linkgua em 31 de agosto de 2010, chamado *Noche oscura; Cántico espiritual; Llama de amor viva y otros poemas*.

Vista (SP), terra de Orides e também de Pagu⁹. Ele precisava “achar os poemas” de Orides. Tantos quantos pudesse e, assim, contrariar a rotina do brasileiro em cobrir cada intelectual-defunto com uma pá de cal.

De leitor e admirador, logo Gustavo se viu investido da condição de arqueólogo lírico. Orides jamais fora a melhor pessoa a se contrariar. Atento aos sinais, o repórter em breve descobriria a primeira coincidência: biógrafo e biografada haviam sido vizinhos na época em que ele cursava doutorado na capital paulista. Ela recebia contas na Cesário Mota, ele fazia seus fichamentos e leituras na Canuto da Val, ambas ruas da Vila Buarque, região central de São Paulo.

No livro sobre o poeta, Gustavo escreve passagens como a seguinte:

Orides encimou a mão na bengala e disse: “Chega disso!”. Ela se recusava a definir a poesia. A poesia era da ordem dos indefiníveis e parceira, por sua vez, dos incomunicáveis. Sílvio desligou o gravador e desviou o olhar, e notou que a padaria inteira a escutava. Virou a cabeça para ver o que estava acontecendo e percebeu atrás de si o pequeno farfalhar dos ouvintes. Seis pessoas a ouviam. A poeta disse que precisava ir embora, para a Duas Cidades. “Está frio” (...) A recusa de Orides em definir a poesia era uma postura intelectual ao mesmo tempo lúcida e sensível: visava não aumentar o falatório – e o contrafalatório – sobre a poesia e a inspiração (CASTRO, p. 51).

Na introdução da obra, Castro conta que buscou inspiração em perfis biográficos dos romances-reportagem. “O romance-reportagem, como se sabe, não se imiscui ao ficcional, ao contrário, alimenta-se dele, seja pelo recurso da imaginação ou pela técnica do ponto de vista” (p. 13). Adiante, observa que o perfil é um gênero que valoriza eventos em que se envolve o personagem e em como ele constitui sua cosmovisão.

⁹ Mulher ícone do Modernismo e do feminismo no Brasil.

Gustavo emprega o termo “romance-reportagem” para classificar seu livro-reportagem, baseado em título homônimo escrito por Rildo Cosson¹⁰ (2005). O nome procura conferir ao gênero a convergência do jornalismo (“o império dos fatos”) e da literatura (“o jardim da imaginação”), um cuidando de obedecer a factualidade e o outro atendendo a sutileza e sacralidade da arte. Termo que pode soar mais identificado ao Jornalismo Literário.

Depois de escolher *Orides*, em 2018, o autor planeja escrever um novo romance-reportagem sobre o poeta e bibliotecário argentino Roberto Juarroz (1925-1995). Considera esse intelectual da mesma magnitude de suas demais referências: o poeta português Fernando Pessoa (espécie de Virgílio que o conduziu ao Inferno e ao Paraíso), o romancista italiano nascido em Cuba Ítalo Calvino (tema de sua tese “Pequena Cosmovisão do Homem”), o sociólogo francês Edgar Morin (“atravessar fronteiras”), a são-joanense Orides Fontela (“como companhia”), o cordisburguense Guimarães Rosa (quem estuda atualmente por seu grupo de pesquisa “Siruiz”)¹¹.

Em matéria publicada no *Correio Braziliense* em 18 de março de 2010 conta que associa a poesia de Juarroz com a do brasileiro Augusto dos Anjos (1884-1914) e do lusitano Fernando Pessoa (1888-1935).

¹⁰ Rildo Cosson é doutor em Letras pela UFRGS, onde defendeu em 1998 a tese “Contaminações - Romance-Reportagem/Nonfiction Novel” sob orientação de Tania Franco Carvalhal. Também é doutor em Educação pela UFMG. É autor dos livros “Romance-reportagem: o gênero” (Editora UnB, 2001) e “Fronteiras contaminadas: literatura como jornalismo e jornalismo como literatura no Brasil dos anos 1970” (Editora UnB, 2007).

¹¹ Gustavo de Castro lidera o grupo de pesquisa “Comunicação e Produção Literária - Grupo Siruiz”, formado em 2017 e certificado pelo CNPq. Desenvolve atualmente o projeto de pesquisa Rosa - Perfil biográfico de João Guimarães Rosa (1908-1967), “que visa construir uma biografia do autor mineiro e, entre outros objetivos específicos, apreender a noção de imaginário presente no Acervo João Guimarães Rosa (JGR), no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), da Universidade de São Paulo (JGR-IEB/USP)” (CASTRO, 2017, p. 1-2).

Em busca do poema e da reportagem

Se Gustavo de Castro escreveu um romance-reportagem e prevê outro, ambos sobre poetas, podemos fazer um exercício intelectual do que seria um poema-reportagem. É evidente de que uma reportagem que emulasse versos não bastaria para montar um poema-reportagem. Se rimasse, pior ainda. Poderia lembrar da tradição beletrista e dos chazinhos das academias de letras provincianas, questão resolvida por expoentes como Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) e Manuel Bandeira (1886-1968). Eles nos livraram da necessidade de rima, mas mostraram a vastidão da linguagem.

Vale imaginar o que seria um poema-reportagem como um gênero novo em vez de uma combinatória de informações e conceitos requeitados. Talvez a primeira fonte de consulta pudesse ser livros-reportagens sobre poetas, em que houvesse o desejo do repórter em “capturar o gesto poético”, conforme escreve Gustavo de Castro na introdução de seu livro:

Meu desejo era compartilhar a história de uma poeta filósofa e mística; caótica e equilibrada; zen-budista e, nos últimos tempos, umbandista. Meu objetivo era o de capturar o seu gesto poético, algo que, para mim, significa entender também sua revolta e rebeldia (...) Orides se fazia intérprete (e crítica) dos destinos da mulher pobre e do poeta brasileiro de seu tempo (CASTRO, 2015, p. 12).

Um conjunto de fac-símiles de documentos originais da poeta Orides Fontela encerra o livro-reportagem. Um depoimento datilografado, depois revisado à mão, faz eco ao entrosamento das ideias aos versos. Orides escrevia como se fizesse um testamento de palavras, aproximando filosofia de poesia:

Que dizer dos incitantes fragmentos de Heráclito? Mistério religioso? Filosofia? Poesia? Tudo junto! E de Platão, aliás também poeta? E de Heidegger – que confesso ter lido como poesia – que, afinal, acaba no poético, por tentar algo indizível? Há muita poesia na filosofia, sim.

Não poesia didática – como a dos pré-socráticos – mas poesia como fonte, que incita e embriaga. E da filosofia na poesia já falamos, só que é “filosofia” que se ignora, que canta – que dá nervo aos poemas e tenta entrar onde o raciocínio não chega (...) Só isso cabe ao poeta: ser fiel à voz interior, sem forçar, sem filosofar explicitamente. Deixar que, naturalmente, filosofia e poesia se interpenetrem, convivam, colaborem. Nasceram juntas, sob a forma de mito, e juntas sempre colaboram para criar e renovar a nossa própria humanidade (CASTRO, 2015, p. 225).

Filósofos e poetas não se marcaram na história da humanidade por seu pragmatismo, mas por abstrair e avançarem os limites do intelecto e da sensibilidade. Para refletir sobre poética e jornalismo, seria importante recuperar trabalhos feitos por Gustavo de Castro com Florence Dravet, como no livro *Comunicação e poesia: itinerários do aberto e da transparência* (2014). Talvez precisasse escrever outro perfil para dimensionar tamanha parceria intelectual e afetiva. Nota de esclarecimento: este texto nasce consciente de estar incompleto.

A voz autoral

A poesia nos ensina a lidar mais apropriadamente com a emoção, sem cairmos no sensacionalismo. O olhar poético permite uma espécie de educação sentimental e maior facilidade de observação a detalhes que sintetizam e traduzem situações complexas, emprestando uma “energia gráfica” a eles, para usar um termo de Ítalo Calvino.

A poesia propõe inclusive uma questão técnica ao jornalismo: como ser mais preciso e conciso. De como dizer mais em curto espaço. Jorge Luis Borges foi um desses escritores que pensava sobre o encontro da “palavra ideal” com a “imagem ideal”, relação típica da poesia. O olhar poético consegue tirar qualquer texto daquilo que lhe é mais prosaico e dar vida, peso, terror, humor.

Consegue promover encontros, desencontros e deslocamentos – aquilo que eu chamo de “gerenciamento artístico da vida”.

Como tema, a poesia não promove um retorno informacional. O poeta é um marginal, é um ninguém. Na época da formação das artes liberais, a música e o teatro se tornaram profissões. A poesia, não. Há o músico e o ator profissional. Não há poeta profissional. Acredito que marginalização institucional da poesia - embora tenha prejudicado os poetas -, ela tenha salvado a poesia. Houve a abertura para que qualquer um fosse poeta. Ela caminhou para o nada.

Se existe um “nada” niilista, carregado de negativismo e vontade de destruição; há também um lado positivo do “nada”, que chamo de “oriental”. Esse vazio é como uma porta, que, antes de ser instalada, traz o nada como possibilidade de ser atravessada. Ou como um filtro d’água, que é vazio, até ser preenchido pela água. Ou um pneu, que é nada até que seja preenchido por ar.

Quando pensamos palavras com o prefixo “-in”, como em “inútil”, “inacessível” e “instável”, podemos ter um olhar que considere outro sentido para o termo. E, em vez de tratar o prefixo como “em sentido contrário”, considerarmos como algo complementar à palavra que conceitua.

Uma “poética dos ‘-ins’” permite conectar e transcender a teoria. Olhar o nada não como aniquilação, mas como possibilidade. E, assim, tocar o intangível, e ver o invisível. Afinal, é pela imaginação do que é considerado impossível, que o possível se constrói. É o nada, o insignificante e o vazio que constituem não só a poesia, mas também qualquer narrativa. Qualquer.

A hora do juízo final

A ação de Gustavo de Castro junto ao jornalismo literário ilustra o perfil do intelectual latino-americano que funde os papéis de de pensador, educador

e agitador cultural. É autor de livro-reportagem e obras acadêmicas que relacionam jornalismo e literatura, participa de leituras públicas de poemas, edita livros, palestra sobre cultura popular, lidera grupo de pesquisa e instiga alunos de Jornalismo a penetrarem surdamente no reino das palavras.

Considerando a proposta de sistematização de Norman Sims¹², Castro valoriza o caráter simbólico, a voz autoral e a criatividade. Incute uma atmosfera de caos em contraposição à supervalorização do “atual” e do “relevante” no jogo das temporalidades e intensidades. Ora Gustavo de Castro propõe o estudo e prática da narrativa como alternativa ao jornalismo. Ora amplia a visão literária empregada na imprensa para a perspectiva poética, com a intenção de promover deslocamentos e desorganizar pela beleza.

Epílogo

Pesquisadores em Comunicação chegam de quatro das cinco regiões brasileiras para ficar um par de dias reclusos durante a primavera de 2012, a convite do pesquisador Ciro Marcondes Filho (ECA-USP). Estão motivados a responder como suas investigações inovam seu campo de conhecimento, reunindo de alunos em Iniciação Científica a referências do campo, como José Luiz Braga (Unisinos) e Alice Mitika Koshiyama (USP).

O local fica num hotel afastado do centro do Itapeceira da Serra (SP), cidade da região metropolitana de São Paulo conhecida por ter uma réplica do templo japonês Kinkaku-ji, construído no século XIV, um lago de carpas e Mata Atlântica nativa. Uma pérgola coberta por trepadeiras e ladeada por luminárias baixas e bancos rústicos separa a sala de convenções dos espaços privados.

¹² Em *The literary journalists: the new art of personal reportage* (SIMS, 1984), Norman Sims considera como elementos do Jornalismo Literário: imersão, humanização, responsabilidade, exatidão, criatividade, estilo e simbolismo.

No período da noite, num horário morto da programação acadêmica, Gustavo aparece na varanda que concentra o maior número de pessoas, depois de passar o dia convidando colegas para improvisar um sarau. Com livros de poesia nas mãos, conta os participantes que sobreviveram à agenda do dia para improvisarem uma recitação de poemas.

Quando chega sua vez de ler versos, Gustavo de Castro lê poemas próprios. Alguns deles entrariam meses depois para sua coletânea *Taos*: guia primário para perplexos (2013). Entre os versos que foram lidos, pode ser que ele tenha escolhido alguns dos escritos produzidos entre 1997 e 2009, que dariam nome ao capítulo *Saomos*, próprio para se ler em voz alta:

Troco cinco poemas por um prato de sopa.

Escrevo versos podres num rolo de papel
Desonrado, e jogo fora em serena descarga.

Não tenho honrado muito a velha poesia.
Talvez porque não esteja à altura dela.
Assim, leio poemas dos outros e sinto
como se fossem meus.
Afim, poesia é poesia.
Não importa quem escreveu.

Começo um verso esperando nunca terminá-lo.
Mas ele quer, quer sair, desbastar, a mim, vir.

Não escrevo para ser poeta.

Escrevo porque não tenho saída.

Ou é isso.
Ou o nada.
E o nada, já tenho o bastante.
(CASTRO, 2013, p. 106).

A memória de um encontro em Itapeverica da Serra traz o autor deste perfil como testemunha. Fosse outro redator, a cena poderia ser ambientada no Centro-Oeste. Talvez num palco como o do *Outras Leituras*, projeto literário-musical com escritores, poetas e professores da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). Gustavo também leu poemas dele por lá, como faz em tantos espaços.

Para concluir, Gustavo estudou jornalismo literário e poesia sem deixar de os praticar. Exemplo de como a formação acadêmica não dispensa a vida cultural, atua como latino-americano que é – salta dos estudos dos meios para os das mediações. Ainda mais ousado, mais que os estudar, ele os promove – como autor, leitor e recitador. Ou como brincamos acima, até mesmo como um “arqueólogo lírico”.

Talvez Gustavo de Castro se aproximou do estudo (e da ação) em jornalismo literário por ter clareza do quanto jornalismo e literatura afetam a vida em sociedade. Conforme suas próprias palavras, “o saber literário é uma resistência frente à trivialização do mundo”, enquanto que “saber jornalístico é a resistência frente à passividade e à desmemorização do homem” (p. 82). Melhor assim, tanto para jornalistas, pesquisadores de jornalismo literário, bem como para os leitores.

Referências

- CASTELLO, José. Conhecer um poeta. In: **O Globo**. Sábado, dia 30 de Janeiro 2010, Caderno Prosa e Verso.
- CASTRO, Gustavo de; DRAVET, Florence. Comunicação e poesia: itinerários do aberto e da transparência. Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília, 2014. 220 p.
- CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Orgs.). **Jornalismo e literatura**: a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras, 2002. (Coleção Ensaios Transversais). 180 p.

CASTRO, Gustavo de. **Pequena cosmovisão do homem**: os saberes do herói em Italo Calvino. Tese de doutoramento defendida na. PUC-SP em 2002, São Paulo-SP. Orientação de Edgard de Assis Carvalho.

_____. A palavra compartilhada. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Orgs.). **Jornalismo e Literatura**: A sedução da palavra. São Paulo: Escrituras, 2002. Coleção Ensaios Transversais. v. 18. p. 71-84.

_____. **Italo Calvino**: Pequena cosmovisão do homem. 01. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2007. 214p.

_____. **Jornalismo literário**: uma introdução. Brasília: Casa das Musas, 2010. 88p.

_____. Jornalismo literário e de poesia. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sergio Dayrell. (Org.). **O Jornal**: da forma ao sentido. 3ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2012, p. 777-794.

_____. **Taos**: Guia primário para perplexos. Brasília-DF: Casa das Musas, 2013. [Poesia].

_____. **O enigma Orides**. São Paulo: Editora Hedra, 2015. [Romance-reportagem].

_____. Perfil biográfico de Guimarães Rosa: Imaginário e infinito no Acervo JGR-IEB/USP. In: **Anais do XXVI Compós**. Encontro Anual da Compós, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo-SP, 06 a 09 de junho de 2017.

COHN, Sergio; MELLO, Marcelo Reis de. (Orgs.). **Orides Fontela**. Rio de Janeiro: Azougue, 2017. Coleção Postal.

COSSON, Rildo. **Romance-reportagem**: o gênero. Brasília: Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

_____. Romance-reportagem: o império contaminado. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Orgs.). **Jornalismo e Literatura**: A sedução da palavra. São Paulo: Escrituras, 2002. Coleção Ensaios Transversais. v. 18. p.57-70.

_____. **Fronteiras contaminadas**: literatura como jornalismo e jornalismo como literatura no Brasil dos anos 1970. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

Correio Brasiliense. Gustavo de Castro se aventura com louvor pelos "versos em prosa" no livro Poemas vis. Postado em 18/03/2010 07:00 / atualizado em 17/03/2010 22:32. Acesso em abril de 2018. Link:

https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2010/03/18/interna_diversao_arte,180436/gustavo-de-castro-se-aventura-com-louvor-pelos-versos-em-prosa-no-livro-poemas-vis.shtml

DRAVET, Florence; CASTRO, Gustavo de. A mediação dos saberes e o pensamento poético. In: **Revista Famecos**. Porto Alegre, abril de 2007. nº 32. p. 71-77.

LEMINSKI, Paulo. **Ensaio e anseios crípticos**. Campinas: Editora Unicamp, 2011. 384 p.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

____. **Páginas ampliadas:** o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Revista e ampliada. São Paulo: Manole, 2009.

MARCONDES FILHO, Ciro (Org.). **Dicionário da Comunicação.** 2. ed. revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2009.

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo Literário:** Tradição e inovação. Florianópolis/SC: Insular, 2016. Série Jornalismo a Rigor, v. 10. 456 p.

____. **Jornalismo Literário:** revisão conceitual, história e novas perspectivas. In: Revista Intercom |RBCC São Paulo, v.40, n.3, p.21-36, set./dez. 2017.

MEDEIROS, Jotabê. **Belchior:** Apenas um rapaz latino-americano. São Paulo: Todavia, 2017.

MOTA, Célia Ladeira. Resenha de "Jornalismo Literário: uma introdução". In: **Brazilian Journalism Research.** Vol. 6 – Núm. 1 – 2010. p. 138-139.

ABBAGNANO, Nicolas. **Dicionário de Filosofia.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

2º SEMINÁRIO POMBAGIRA – Matrizes do Feminino na Comunicação. Palestrante Prof. Dr. Gustavo de Castro (UnB). Realizado em 21/10 /2015. Local: Universidade Católica de Brasília – DF. Apoio: CAPES / CNPQ. Vídeo disponível pelo link do YouTube <https://youtu.be/mu2i0aAQ8mM>. Duração de 47min22s. Conteúdo acessado em março de 2018, às 20h.

VER TV. Gustavo Castro analisa a relação entre literatura e televisão. Programa de televisão. TV Brasil. Disponível na internet pelo link <http://tvbrasil.ebc.com.br/vertv/post/gustavo-castro-analisa-a-relacao-entre-literatura-e-televisao>. Criado em 19/08/2016 - 12:05 e atualizado em 19/08/2016 - 12:05. <https://youtu.be/u7cKEDgyegA>. Duração de 22min50s. Conteúdo acessado em março de 2018, às 18h.